

De Criciúma para o mundo: o ir e vir dos novos emigrantes brasileiros entre os EUA, o Brasil e a Europa e os impactos na vida cotidiana da cidade.

GLÁUCIA DE OLIVEIRA ASSIS*

Introdução

A cidade de Criciúma, localizada no sul do estado de Santa Catarina, assim como outras cidades no Brasil - Governador Valadares (MG), Maringá (PR) -, vivenciou um novo movimento de sua população no final do século 20: a emigração de cricumenses rumo aos Estados Unidos e à Europa. Os primeiros emigrantes partiram rumo aos Estados Unidos em meados da década de 1960, mas é no início dos anos 1990 que este fluxo se torna significativo, tanto para aqueles que partiram quanto para aqueles que ficaram na cidade, configurando um campo de relações transnacionais que começa a ser observado no cotidiano da cidade.

Quando os cricumenses começam a voar rumo aos Estados Unidos e também à Europa, muitos deles estão retomando uma experiência migratória iniciada por seus antepassados que vieram ao Brasil ainda no século 19. Como relatou uma descendente de imigrantes italianos, *“a primeira geração foi para a cidade; a segunda geração foi para universidade e a terceira geração vai para o mundo”*, referindo-se aos novos emigrantes cricumenses do final do século 20. Uma das características desse movimento, portanto, é que muitos dos emigrantes de hoje são descendentes de imigrantes italianos ou alemães de ontem, isto é, dos que aqui aportaram ao final do século 19. Assim, muitos cricumenses recorrem à cidadania européia como uma estratégia para facilitar a emigração. Embora grande parte desses emigrantes informe que tem ascendência italiana, o seu movimento, assim como o de outros brasileiros, dirige-se majoritariamente aos Estados Unidos, às regiões da grande Boston (MA), concentrando-se nas cidades de Lowell, Somerville e Everett; em menor número, há os que vão para algumas cidades da Itália.

Como demonstram seus relatos, a migração para a Itália e para os Estados Unidos também está associada ao imaginário da cidade, que estabelece uma conexão

* Professora do Programa de Mestrado em História da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Doutora em Ciências Sociais pela Unicamp. Pesquisa financiada com recursos do PAP/Udesc e FAPESC

entre os imigrantes do passado e os emigrantes do presente, mas, principalmente, com o desenvolvimento e o amadurecimento de redes sociais ao longo do processo migratório.

Esta apresentação analisa o ir e vir dos emigrantes entre Criciúma e a região de Boston, analisando o impacto desse movimento na paisagem urbana, buscando demonstrar que a cidade dos mineiros ganha uma nova dinâmica na mesma proporção que os fluxos de migração internacional que conectam Criciúma com os Estados Unidos e a Europa, configurando um campo de relações transnacionais.

A pesquisa é de natureza etnográfica. Foi realizada com migrantes retornados à cidade de Criciúma e com aqueles que pretendiam retornar à região de Boston¹, ou re-emigrar. Procuramos ainda apresentar os dados disponíveis sobre a emigração em Criciúma que nos permitem traçar um perfil da população que parte e da que torna. Para que os resultados obtidos fossem amplos e consistentes, pareceu-nos oportuno articular o presente trabalho com o trabalho de campo viabilizado por esta pesquisa nos Estados Unidos. Desta forma, entre 19 de junho e 8 de julho de 2008 estivemos nos Estados Unidos, no estado de Massachussets e New York, onde foram realizadas 22 entrevistas com brasileiros que vivem naquele país, independente de sua situação (regular ou não).

Configuração do fluxo migratório para os Estados Unidos

Criciúma é uma cidade de porte médio, de importância econômica para a região sul do estado de Santa Catarina, situada a 190 quilômetros da capital do estado, Florianópolis (via BR 101). A cidade teve sua economia sustentada por atividades extrativas até meados da década de 1990. Segundo seus moradores, o movimento de emigração estaria relacionado à crise do setor carbonífero (TEIXEIRA, 1996), que constituía a principal atividade econômica da cidade. A crise atingiu igualmente o setor cerâmico que se desenvolvera na região. Nesse período, a recessão enfrentada foi tão intensa que, das 13 fábricas, nove interromperam suas atividades, ocasionando um

¹ Os dados para esta apresentação são provenientes do projeto de pesquisa Fluxos do Local para o Global: as redes sociais construídas entre os catarinenses e a região de Boston (Estados Unidos) no início do século 21, coordenado por Gláucia O. Assis e financiado pela FAPESC. Provêm também do projeto Estrangeiros em casa: (re)sentimentos, impressões e identificações produzidas pelos emigrantes brasileiros clandestinos nos Estados Unidos, quando de volta para Santa Catarina (1995-2005), coordenado por Emerson César de Campos.

desemprego ainda maior (TEIXEIRA, 1996, p. 71). Essa grave crise alterou o cotidiano e a paisagem da cidade, que vai encontrar na migração uma alternativa econômica, inserindo seus cidadãos nos fluxos internacionais de mão-de-obra.

Nos relatos sobre a fundação da cidade, teceram-se narrativas nas quais a imagem do imigrante pioneiro - italiano, alemão e polonês - é valorizada e destacada, pois, independentemente de sua nacionalidade, viera colonizar a região e trazer a civilização, suprimindo a população indígena que vivia na região, exterminada por conflitos. A partir do desenvolvimento da mineração no início do século 20, a narrativa étnica de formação da cidade foi aparentemente deixada de lado. A cidade passou a ser representada como a cidade do carvão, conforme Volpato (1989) e Teixeira (1996).

Seu crescimento atraiu imigrantes que, em função da proliferação das minas de carvão no início do século 20, chegaram à cidade em busca do “eldorado do ouro negro”. Eram famílias de pequenos agricultores ou pescadores, originárias de vilarejos da região sul do estado, homens e mulheres que constituíram a classe operária mineira da cidade. Devido à sua forte mobilização e da constituição de um movimento sindical consolidado, a região, na década de 1980, foi considerada por alguns autores o ABC² de Santa Catarina.

Em meados da década de 1980, o setor carbonífero deu os primeiros sinais de crise, que se agravaria com o governo Fernando Collor (1990-1992). Segundo Teixeira (1996), ela se deveu a um conjunto de fatores, como a queda da produção, o fim do protecionismo estatal e a concorrência internacional, que teriam reduzido o mercado em mais de 30%, provocando uma alta taxa de desemprego na região. Ainda que a crise econômica seja apontada como uma das razões que levaram inúmeros cidadãos a procurarem trabalho nos Estados Unidos ou na Itália, ela não deverá ser encarada como a razão exclusiva das migrações. Nesse sentido, é importante olhar para algumas práticas que também aconteciam na cidade naquele momento.

Nas décadas de 1980 e 1990, através de convênios com algumas regiões da Itália, os descendentes dos imigrantes que chegaram à cidade no final do século 19 iniciaram um *caminho inverso*, realizando um movimento de busca pela cidadania européia para tentar viajar para a Europa. Vários criciumenses partem para trabalhar em

² Teixeira (1996) refere-se à comparação com a região siderúrgica do ABC, no estado de São Paulo, que se caracterizou, no final da década de 1970 e início da década de 1980, por um forte movimento sindical.

sorveterias no norte da Itália e na Alemanha, utilizando para isso o passaporte europeu. A dupla cidadania abre o mercado de trabalho para os descendentes na comunidade europeia. Esse “retorno” à terra dos “*nonos e nonas*” pode ser considerado o início do movimento migratório de Criciúma (ASSIS, 2004 e SAVOLDI, 1999).

A partir dos anos 1990, o fluxo diversifica-se. Os criciumenses passam a utilizar a dupla cidadania para “fazer a América”, ou seja, o passaporte europeu se torna uma estratégia de emigração, pois dispensa a solicitação de visto para a entrada nos Estados Unidos. No entanto, essa vantagem étnica só acontece no momento da entrada, no de passar na imigração, pois permitia ao portador apenas a entrada como turista, não como trabalhador, o que os tornaria trabalhadores “indocumentados” no país de destino.

Passados 120 anos de constituição da cidade, os novos emigrantes evocam seus antepassados e contam com as redes familiares. Neste novo momento, a emigração se inicia com jovens solteiros, homens e mulheres, que correspondem, em geral, à quarta geração de descendentes dos primeiros imigrantes.

A primeira conexão Criciúma-Estados Unidos: os emigrantes da década de 1960

Os primeiros criciumenses partiram rumo aos Estados Unidos em de 1960. É no início dos anos 1990, porém, que este fluxo se torna significativo, tanto para os que partem quanto para os que ficam, criando-se, assim, um campo de relações transnacionais que começa a ser observado no cotidiano da cidade.

Jaci Carminati é considerado por alguns moradores da cidade como um dos que iniciaram essa conexão entre Criciúma e Boston. Estudou em um seminário em Minas Gerais e lá se tornou amigo de um rapaz que, posteriormente, migrou para os Estados Unidos. Jaci também emigrou para esse país em 1966, contando com a ajuda do amigo para encontrar trabalho. Já estabelecido, encontrou emprego para seu irmão, Dino Carminati, ainda em 1969. No início da década de 1970, regressaram a Criciúma para buscar as namoradas. Depois de casados, retornaram aos Estados Unidos, onde permaneceram até o início dos anos 1980. Como outros emigrantes brasileiros, Jaci e Dino Carminati retornaram a Criciúma e investiram em negócio próprio.

No primeiro retorno ao Brasil, na década de 1980, os irmãos montaram três boates na cidade e na praia do Rincão. Durante a década de 1980, eram considerados os “donos da noite”, mas tinham também outros negócios que faziam de suas trajetórias de retorno trajetórias bem-sucedidas. Enquanto os irmãos criavam casas noturnas, a esposa de Dino, Mirces, iniciou uma escola de inglês; a esposa de Jaci, Neide, já na década de 1990, inaugura uma loja de venda de roupas trazidas dos Estados Unidos, um brechó de roupas usadas norte-americanas. Nesse sentido, a família Carminati, ao “montar um negócio” (expressão utilizada pelos próprios) que têm visibilidade (casas noturnas, empresas de exportação, e outras), complexificam a idéia de modernidade (desde Criciúma) e colaboram para inserir a cidade no mundo globalizado. As lojas vendem produtos vindos dos Estados Unidos, boates, carros, incentivam padrões de consumo distintos para uma parcela da população que recebe as remessas dos emigrantes criciumenses. Assim, música, roupas e produtos diversos resultantes desse ir e vir estão mais próximos dos criciumenses (não desconsiderando, evidentemente, a capacidade de aquisição limitada da maior parte da população) e vão tecendo a conexão Boston-Criciúma. Tal ligação será mantida tanto pelas frequentes viagens de ida e vinda da família quanto pelo fato de, por muitos anos, Jaci Carminati assinar uma coluna no jornal da cidade com notícias dos Estados Unidos em Criciúma, além de, pela internet, passar notícias da cidade aos concidadãos emigrados.

A experiência da família Carminati demonstra como, partindo de uma cidade de porte médio, famílias de camadas médias urbanas procuraram mobilidade social, ou oportunidades, como eles mesmo dizem, nos Estados Unidos na virada da década de 1960-1970.

Esses primeiros emigrantes, na volta às suas cidades de origem, tornaram-se, com seus relatos e investimentos, referência da possibilidade de realização do “sonho americano”, pois, num certo sentido, conseguiram o que se esperava da migração - comprar uma casa, um carro e montar um negócio no Brasil. Estes relatos de “sucesso migratório” atizam o imaginário na cidade, fazendo da “America” a terra de oportunidades.

No que se refere ao fenômeno migratório propriamente dito, podemos afirmar que era esporádico até o início da década de 1990. Numa pesquisa realizada por Assis (2004), que traça um perfil da população migrante, constata-se que o período que vai de

1970 até 1989 corresponde a apenas 5% do total das viagens dos criciumenses em direção aos Estados Unidos ou à Europa. Foi na virada da década de 1990 que começaram a voar em outras direções para o exterior.

Registra-se um crescimento contínuo no número das primeiras viagens nos anos de 1993 (com 4,9%) e 1994 (com 6,0%) em relação ao total das viagens (ASSIS, 2004). Estes dados são os primeiros indicativos de que a migração estava deixando de ser um movimento esporádico para se transformar em movimento contínuo de migrantes. É a época que corresponde exatamente à já referida crise do setor carbonífero, quando o setor passou a enfrentar a concorrência do carvão mais barato e de melhor qualidade vindo do exterior.

A análise do período de 1998 a 2000 revela que 48,4% do total dos emigrantes realizaram sua primeira viagem neste período, de acordo com a seguinte distribuição: 12,5% em 1998; 17,2% em 1999; 18,7% em 2000 (ASSIS, 2004). Assim, diferentemente dos emigrantes de Governador Valadares (MG), que realizaram 40,8% das primeiras viagens nos períodos de 1987 a 1989 (FUSCO, 2000), podemos dizer que o “triênio da desilusão”³, na região de Criciúma, ocorreu dez anos depois.

Os emigrantes são apoiados por algum parente ou amigo desde os preparativos da viagem até a chegada ao país de destino. No depoimento de Dino Carminati, a ajuda aos conterrâneos é explicitada da seguinte forma:

“[...] depois o meu irmão trouxe várias pessoas e, você sabe como é o negócio, um vai trazendo o outro.”

Nas teorias migratórias, discute-se que no mundo globalizado não é mais possível explicar esses fluxos de pessoas simplesmente como resultado de uma crise econômica. A decisão de migrar deixou de ser “solitária” para se tornar uma decisão conjunta, tomada com amigos e familiares, tanto por parte dos que já partiram, quanto dos que aqui já ficaram (ASSIS, 2004). A migração em rede é uma maneira de

³ Sales (1999) denominou “triênio da desilusão” o período entre os anos de 1987 a 1989, em que milhares de brasileiros deixaram o País, decepcionados com a política econômica e com a situação política.

minimizar os riscos dessa empreitada, que muitas vezes acaba em tráfico de pessoas, violências, estupro, sequestros e mortes no deserto da fronteira.

A consolidação das redes, redes de retorno e os impactos da emigração na paisagem urbana

Ao longo das duas últimas décadas do século 20, os migrantes criciumenses residentes no exterior foram construindo múltiplas relações econômicas, culturais e familiares, o que sugere que, mesmo ausentes e no exterior, continuam em contato com as suas cidades de origem (ASSIS, 1999; CAMPOS, 2003, SALES, 1999; SIQUEIRA, 2009).

Tal contato é traduzido em investimentos nas cidades de origem, movimentando o comércio local, notadamente a construção civil, que por sua vez movimenta o mercado imobiliário e incrementa a construção de casas e prédios, contribuindo particularmente e de maneira acelerada para sua verticalização a partir do final da década de 1990. Nesse mesmo período surgem as microempresas movimentadas pelos dólares que os familiares recebem. Estes investimentos têm afetado a vida de cidades, que se tornaram ponto de partida de emigração. No caso de Criciúma, os investimentos tiveram grande impacto e ganharam visibilidade nacional com a matéria “Uma Nova Valadares”, publicada na Revista Veja⁴ (1999) e numa série de reportagens publicadas no Jornal Tribuna, em 2000, que destacam os investimentos na cidade, principalmente na construção civil, como resultantes do projeto migratório.

Alguns dados apresentados em relação às remessas demonstram como são importantes as redes sociais na origem (ASSIS, 2004). Dentre os emigrantes homens, que mandam dinheiro dos Estados Unidos para Criciúma, 40% deles o enviam para as esposas administrarem e/ou aplicarem em algum bem na cidade. Os migrantes criciumenses, assim como outros migrantes internacionais, partem com o projeto inicial de trabalhar e juntar dinheiro a fim de melhorar o padrão de vida no Brasil. Neste

⁴ REVISTA VEJA. São Paulo: Editora Abril, 06 de outubro de 1999, p.128-9. Quanto à situação de Governador Valadares ver Assis (1999), Martes (2000) e Siqueira (2009)

sentido, as remessas são um importante indicativo da realização desse projeto (ASSIS, 2004).

Os dados referentes às remessas, distribuídas segundo a condição de domicílio, demonstram a importância do investimento no local de origem, como forma de manutenção do contato com a família, suas conexões e, ao mesmo tempo, consolidam o projeto migratório. Portanto, ao mesmo tempo que marcam o compromisso com a família e o local de origem, os investimentos movimentam a economia da cidade e incentivam novas migrações, pois reforçam na cidade que idéia de que a migração possibilitaria a sonhada mobilidade social para aqueles que se arriscam nessa “aventura de migrar”. As remessas passam a fazer parte da economia da cidade e contribuem para sua dolarização no início do século 21.

Analisando as remessas, constata-se que são os chefes de domicílio os que mais remetem dinheiro para manter a família no Brasil (51,6%), enquanto 14,1% remetem para investimento. Os cônjuges vêm em seguida; 36% enviam dinheiro para manter a família, 9,3% para aplicar em investimentos para investimento, 12,3% para outra finalidade. Os filhos, que constituem a maioria da população migrante, são os que realizam menos remessas: 24,1% deles o fazem para manter a família; 13,9%, para aplicar em investimentos; 3,0% para investimento e para manter a família; 4,7%, para outra finalidade.

Os dados revelam, portanto, que os chefes de domicílios, seguidos dos cônjuges, têm maiores obrigações para com os que permaneceram no Brasil, principalmente seus parentes, motivo pelo qual enviam mais remessas. Estes investimentos se destinam à concretização do projeto migratório, o que demonstra que migrar, para a população que o faz, é construído/imaginado como um movimento de ida e volta.

Os investimentos comprovam o projeto de retornar ao país e explica a manutenção do contato com ele. Somados às remessas enviadas para manter os familiares que permaneceram no Brasil, os investimentos representaram, em 2002, a entrada de US\$ 2,6 bilhões de dólares⁵.

⁵ *Folha de São Paulo*, 18/08/2002.

[...] agora estamos investindo nesse negócio [...], acreditamos que em dois anos podemos voltar para Criciúma [...] é o nosso sonho [...]" (PRIMO, 32 anos, entrevista realizada em julho de 2008).

A reportagem da Revista Veja de 1999 contava a história de um desses emigrantes empreendedores que revelam uma nova face da cidade – a da cidade que se insere no mundo globalizado através da migração internacional. Renato Ignácio e seu irmão, Ronaldo, quando retornaram ao Brasil, montaram duas pizzarias que traduziam o “sucesso migratório” na localidade de origem. Quando Renato estampa na capa da matéria da revista sua pizzaria, relata não só as dificuldades dos primeiros tempos, mas a realização do projeto migratório. Sua pizzaria, tornou-se uma referência na cidade quando iniciou a funcionar, pois apresentava um padrão de pizza e sabores diferentes dos oferecidos na cidade naquela época (sistema de rodízio de pizzas). Embora estes sejam alguns exemplos de negócios bem-sucedidos na cidade, nem todos que retornam conseguem realizar o desejo de montar um negócio. Em geral, os tentam negócios como locadoras de vídeo, sorveterias, revendas de carro, brechós, padarias e pequenos comércios.

A maioria não tem experiência no ramo escolhido, como também não tem capital suficiente para aguardar o tempo exigido pelo investimento para começar a dar lucro, razão pela qual várias dessas empresas fecham ao final de um ou dois anos.

O mesmo Ronaldo, entrevistado em Criciúma, foi reencontrado nos Estados Unidos quando realizávamos trabalho de campo em 2009, para onde havia re-emigrado. A história de Ronaldo é muito semelhante à dos retornados estudados por Siqueira (2009) na região de Governador Valadares. Após retornar e montar seu negócio no Brasil por alguns anos, Ronaldo teve de retornar aos Estados Unidos devido às dificuldades enfrentadas em seu investimento. A cidade de Criciúma ainda não conta, como acontece em Governador Valadares, com associações de migrantes atuantes que procuram atuar no destino, nem com o interesse da Associação Comercial ou do SEBRAE em criar cursos que capacitem migrantes retornados a investir seus recursos, o que faz com que histórias como essas sejam recorrentes (SIQUEIRA, 2008).

Outro impacto da migração na cidade é o investimento na construção civil. Em torno de 20% de todo o faturamento da Construtora Fontana provinha de dinheiro ganho

por emigrantes⁶. Algumas imobiliárias da cidade de Criciúma abriram filiais na região de Boston, na cidade de Somerville, para vender casas e apartamentos a emigrantes brasileiros. As construtoras da região, que se especializaram em vender apartamentos e casas na planta a emigrantes ansiosos por realizar o sonho da casa própria, transformaram bairros de antigos mineiros com novas casas de padrão, considerado elevado, e pelo crescente número de prédios na cidade, que mudaram a sua paisagem nos últimos anos. A proprietária de uma imobiliária em Somerville relatou que grande parte de suas vendas provém de imóveis em Criciúma:

[...] os emigrantes olham o projeto de apartamento ou casa pronto ou na planta, mas é o parente que ficou no Brasil, em geral os pais, que acompanha as obras e manda os retratos ou filmagens mostrando o andamento da obra. Assim, muitos migrantes, quando retornam para o Brasil, já encontram a casa ou o apartamento pronto” (Entrevista realizada com proprietária de imobiliária em Criciúma, setembro de 2008).

Embora os dados sobre os investimentos em Criciúma sejam estimativos, as informações ressaltam a importância das remessas para o local de origem e revelam a constituição de uma rede de agências de turismo e imobiliárias que se inserem nessa rede migratória. Uma das formas de dimensionar o impacto da construção civil no período é o levantamento do número de *habite-se* em Criciúma. Observa-se um significativo crescimento nas liberações de construções a partir da segunda metade da década de 1990. Cardoso (2010) destaca que este crescimento é bastante visível nos anos de maior investimento dos emigrantes e situa as construtoras de Criciúma como as que mais cresceram em Santa Catarina.

⁶ *Jornal Gazeta Mercantil*, 12 ago. 2001, p. 1.

Ano	M2 Licenças	Nº Licenças	M2 Habite-se	Nº Habite-se
1995	159.737,85	420	64.043,96	156
1996	117.785,97	399	81.216,75	198
1997	119.369,79	376	84.528,46	163
1998	173.806,61	480	100.052,23	278
1999	135.621,84	455	125.908,95	249
2000	168.946,25	530	142.440,62	328
2001	221.952,42	534	91.142,89	274
2002	204.738,35	722	154.736,44	310
2003	169.697,45	627	159.511,59	257
2004	214.219,19	711	134.301,79	235
2005	391.357,10	709	117.185,31	348
2006	293.247,86	845	142.321,46	389
2007	265.834,32	801	150.530,60	442
2008	263.553,24	589	154.881,96	279
2009	322.270,43	841	144.425,67	533

Figura 1 – Quadro: Número de licenças para construção e Habite-se em Criciúma 1995-2009
Fonte: Cardoso.⁷

Nesse ponto, as redes de parentesco se entrecruzam com as redes de agências de turismo e imobiliárias na realização do projeto migratório, gerando um negócio bastante lucrativo para as empresas. As casas e os apartamentos são construídos e decorados a distância, com a ajuda de parentes e amigos, e revelam a mobilidade no país de origem, através da construção de casas em padrões mais modernos e amplos. Esses dados demonstram que, se, para emigrar, as redes sociais no destino são importantes, para retornar à origem elas também são fundamentais, pois, além de orientar e efetivamente realizar e acompanhar o investimento era tão importante quanto mandar as fotos ou filmagens da obra. Isso amenizava as incertezas do retorno e tranqüilizava os emigrados, conforme depoimento de Renata:

[...] lá tem minha família [...] sei que não é fácil voltar [...] mas tenho eles que posso contar. [...], vai ser bem melhor criar meu filho lá, pois sei que posso contar com eles. [...] estão contando os dias para a nossa volta (RENATA, 27 anos, emigrou em 2004).

⁷ Os dados referentes aos anos de 1995 e 1996 foram coletados a partir do trabalho de Elton Fogaça Zili (2003) pois os mesmos não foram disponibilizados pela Prefeitura Municipal. Os demais foram coletados a partir da Divisão de Planejamento Físico – Territorial da Prefeitura Municipal de Criciúma. In: Cardoso, Michele. De volta para a casa: a inserção dos retornados na cidade de Criciúma (1995-2009). Texto de qualificação de mestrado. UDESC, 2010.

Nos relatos, tanto dos primeiros quanto dos emigrantes depois da década de 1990, fica evidente que sua principal motivação é o desejo de uma vida melhor, implícita à ideia da mobilidade social. O desejo de uma vida melhor revela a tentativa de se inserir no mundo do consumo e no tipo de cidadania que esse mundo oferece.

Ao mencionar “cidadania do consumo”⁸, estamos evocando um dos aspectos mais reforçados pelos emigrantes quando dizem que “*nos Estados Unidos sentem-se mais reconhecidos por seu trabalho do que no Brasil*”, embora, na condição de emigrantes, realizem serviços considerados subalternos, que jamais realizariam no Brasil, como trabalhar na faxina e na construção civil. Conseguir, com o salário obtido nesse serviço de baixa qualificação, ir ao shopping nos finais de semana ou “*comprar morangos para comer com creme-de-leite com o salário de uma bus girl*”, como relatou uma migrante ainda em 1993 (ASSIS, 1995), ou comprar o que quiser quando se recebe o salário, atua como um grande impulsionador da migração.

Os parentes e amigos, quando chamam aqueles que ficaram a emigrar, sempre destacam que trabalham muito, mas que é mais fácil adquirir bens e consumir na “América”. A “América”, de acordo com seu jargão, oferece o seu *potlatch*⁹ – os bens de consumo. Esta é a dádiva que a sociedade norte-americana oferece em troca do trabalho dos imigrantes. Entretanto, o que eles dão em troca é trabalho duro, em sua maioria sem garantias e direitos sociais, basicamente limpando, lavando, realizando serviços considerados sem prestígio na sociedade norte-americana. Portanto, embora defendam a legitimidade da condição clandestina, são cidadãos pela metade; têm acesso

⁸ Segundo Laymert Garcia dos Santos (2000, p. 6-7), deixando de lado os excluídos, que, imersos na carência criada pelo capitalismo, não participam do consumo (o que, no caso do Brasil, significa cerca de 70% da população), quando falamos de consumo falamos apenas daquela parcela que está incluída no mercado. Para o autor, com a consagração da aliança entre a tecnociência e a economia e o fim da política que dela decorre, os incluídos viram cada vez mais a sua condição de cidadãos ser reduzida à condição de consumidores. Ainda segundo o autor, subordinada aos ditames do mercado, a cidadania só é concebida e reconhecida por aqueles que se encontram inseridos nos circuitos da produção e consumo; assim, so ponto de vista social, o direito de existir passa a coincidir com o direito de consumir. Os emigrantes criciumenses, assim como outros migrantes brasileiros, partem em busca dessa inclusão no universo do consumo. Tal inclusão no mundo globalizado como trabalhadores migrantes, como veremos, é desigual e subordinada, mas, segundo os migrantes, é compensada pelos bens que adquirem nos Estados Unidos e no Brasil.

⁹ Segundo Marcel Mauss, *Potlatch* quer dizer essencialmente alimentar e consumir (1974, p.44). Acrescenta, ainda, em nota, que para Boas *potlatch*, em kwakiutl, é verdade, e não *chinook*, o sentido de Federer é literalmente “*place of being satiated*”, lugar onde se é saciado.

aos bens de consumo, mas não têm cidadania civil, podendo ser deportados a qualquer momento, por serem, na maioria, indocumentados. Este é o limite da dádiva recebida.

Os criciumenses partem para se inserir mais efetivamente no mercado global como consumidores. Dessa forma, pude observar a importância que os emigrantes atribuíam à aquisição de certos bens, como equipamentos eletrônicos modernos, utensílios domésticos enviados ao Brasil, cosméticos e roupas, bem como casas e apartamentos que, no Brasil, representam o sucesso do empreendimento migratório. Estes significados também se revelam quando os migrantes, por meio de presentes, inserem aqueles que permaneceram no Brasil no mercado de consumo globalizado, conforme já havia observado na pesquisa sobre os migrantes valadarenses (ASSIS, 1995). Esta é a importância dos presentes dos migrantes quando voltam para o Brasil. Portanto, melhorar o padrão de vida revela o sonho de consumo dos brasileiros que migram, um sonho que já não mais se realiza migrando para os grandes centros urbanos no Brasil. É o que leva criciumenses, e outros brasileiros, a tentar a vida no exterior (Estados Unidos ou Europa). A migração internacional, portanto, contribui para inseri-los num mundo no qual cidadania corresponde a capacidade de consumo. São esses bens que circulam entre Criciúma e Boston.

Para realizar o projeto de “fazer a América” e participar do sonho americano, homens e mulheres submetem-se ao trabalho no mercado secundário destinado, a trabalhadores indocumentados (em sua maioria, são faxineiras, trabalhadores na construção civil, lavadores de prato, baby-sitters, cozinheiros, garçons, cuidadores de idosos, etc.). Tais trabalhos, de baixo status social no Brasil, são ressignificados no contexto da emigração. Foi assim que a faxina, trabalho realizado pelas mulheres imigrantes, encontrou outro significado: ao invés de trabalho feminino desvalorizado, não reconhecido como emprego, torna-se para mulheres e homens um *negócio* que ajuda a realizar o projeto de fazer a América. Os emigrantes entrevistados, Roberto e Luisa, Cláudio e Leila, assim como Marcela¹⁰, compraram imóveis no Brasil com dinheiro de faxina, com o que ganham visibilidade na cidade e ressignificam positivamente, mais particularmente no bairro de origem migratória, o sucesso de um trabalho que no Brasil tem baixo *status* e baixa remuneração. Quando materializam no

¹⁰ Nome fictício de emigrantes criciumenses.

Brasil (figuras 2 e 3) os ganhos realizados nos Estados Unidos, esses emigrantes realimentam o sonho de “fazer a América”.

Se o projeto de retorno é constitutivo do projeto de migrar e sinaliza sua realização, neste início de século 21 o projeto vem sendo antecipado por vários emigrantes. Desde 2001, após os atentados de 11 de setembro, as medidas mais restritivas à migração começaram a afetar os planos de permanência nos Estados Unidos, redirecionando o fluxo rumo à Europa. A crise da economia norte-americana, intensificada a partir de 2007, tem levado muitos emigrantes a um retorno forçado sem ter conseguido concretizar o projeto idealizado. A cidade de Criciúma, que vinha recebendo investimentos em dólar, sofre a queda nos empreendimentos sem as remessas dos emigrantes e sem políticas públicas adequadas para recebê-los. Eles, ao retornar, já não reconhecem a cidade nem suas relações. Sentem-se deslocados, *estrangeiros em casa* (CAMPOS, 2003).

No plano das relações familiares e de gênero, o período nos Estados Unidos, onde vigem outros padrões de conjugalidade, com relações menos hierárquicas e mais igualitárias, a divisão de tarefas domésticas e do cuidado dos filhos tem impacto significativo nas relações familiares. As mulheres, quando partem e começam a trabalhar nos Estados Unidos, conseguem com os ganhos de seu negócio de faxina (que consiste numa Schedule com várias casas para faxinar), rendimentos que lhes possibilitam autonomia financeira, ter seu próprio carro, dividir tarefas com os companheiros, sentir-se mais valorizadas. Já os homens sentem que estão perdendo parte de sua posição de poder e são colocados em situações em que têm que negociar sua posição de autoridade, pois nos Estados Unidos dividem tudo. Ao retornarem, além de estranhar a cidade, que já não é mais a mesma - está com ares mais modernos, verticalizada, com novas casas nas ruas, com diversas lojas de automóveis ao longo da avenida, maiores opções de lazer, com restaurantes e pizzarias -, estranham suas mulheres e filhos que, se partiram juntos e lá se inseriram em outras relações sociais, uma vez aqui, querem continuar mantendo a autonomia conquistada nos Estados Unidos, o que gera tensões e conflitos. Da mesma forma, quando as mulheres ficaram cuidando de filhos, de negócios e investimentos, quando seus companheiros retornam não querem mais voltar à posição de subordinadas em suas relações. Em ambos os casos

criam-se situações novas, em geral com conflitos. Esse conjunto de novidades de diferenças faz com que os retornados estranhem a cidade e suas relações – *tudo está tão diferente, voltar é mais difícil que partir* - dizem muitos deles.

Dino Carminati fala sobre uma agência de viagens próxima de Boston que, segundo ele, somente no ano de 2007 vendeu 27.000 passagens de ida para o Brasil (sem volta). Entre os motivos apontados para esse retorno em massa estão a maior vigilância norte-americana em relação aos imigrantes ilegais, a queda do dólar, o aumento do desemprego e a própria crise da economia estadunidense. Sobre a emigração para os Estados Unidos hoje, ele afirma:

Já aconselhei muita gente a vim. Hoje, se a pessoa não tem um trabalho garantido e uma boa base aqui, eu acho que não é uma boa coisa (Entrevista realizada nos Estados Unidos em julho de 2008).

Através do que foi investigado até o momento, é possível inferir que cerca de metade dos retornados acabam voltando para os Estados Unidos; na impossibilidade disso, emigram para algum país da Europa. Inglaterra, Portugal, Espanha, Itália e Alemanha são os países mais procurados. As frustrações do retorno dos emigrantes criciumenses assemelham-se às dos emigrantes que retornam para Governador Valadares, conforme tem demonstrado Siqueira (2006). O impacto do retorno resulta em um problema que começa a ganhar volume: o que fazer com a cidade caso todos voltem, visto que hoje seguramente mais de 20% de sua capacidade financeira gira em torno do dinheiro aplicado em Criciúma pelos chamados *estrangeiros*?

O crescimento dos setores da construção civil e imobiliário representa grande parte dos investimentos dos retornados à cidade, que constroem casas em “estilo americano”, com cores e projetos arquitetônicos que as distinguem das casas ao redor, ou seja, os migrantes deixam marcada no território sua experiência migratória. Estas marcas aparecem também no comércio, que amplia o setor de serviços com microempresas (locadoras de vídeo, lojas de vendas de automóveis, salões de beleza, brechós, lanchonetes e restaurantes), que imprimem na cidade um dinamismo que procura reproduzir nos negócios locais as experiências vivenciadas no exterior. Nem sempre, porém, estas experiências são bem-sucedidas, porque os criciumenses que

voltam nem sempre avaliaram as possibilidades dos empreendimentos e muitas vezes nem mais conseguem manter os abrem no Brasil, e acabam emigrando novamente.

Por outro lado, um aspecto que merece ser investigado com mais atenção é o de que muitos emigrantes voltam doentes, com problemas de coluna, de depressão, afora outros que podem estar associados às precárias condições de trabalho e às longas jornadas às quais são ou foram submetidos nos Estados Unidos. A cidade, ao receber de volta os que partiram, se ressentida da ausência de políticas públicas específicas para atender os repatriados. Os emigrantes, por seu lado, ao voltar, não reconhecem mais a cidade que deixaram, pois ela mudou, mudaram as relações com a família e os amigos. Por isso, os retornados se sentem estranhos em casa.

Então, seja para manter um padrão de vida já alcançado, seja pela dificuldade de se readaptar à cidade natal, parte dos retornados acaba voltando para os Estados Unidos, quase sempre em situação não documentada. Aqueles que podem, lançam-se a um movimento pendular entre Criciúma e a região de Boston, configurando conexões transnacionais.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros**. 2004, 340 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Campinas, São Paulo.

_____. A fronteira México-Estados Unidos: entre o sonho e o pesadelo as experiências de e/immigrantes em viagens não autorizadas no mundo global. **Cadernos Pagu**. ago-dez 2008.

_____. **Estar aqui...estar lá... uma cartografia da vida entre dois lugares**. 1995. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - UFSC, Florianópolis.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CAMPOS, Emerson. **Territórios deslizantes: miscelâneas e exposições na cidade contemporânea Criciúma (1980-2002)**. Tese (Doutorado em História) - UFSC, Florianópolis, 2003.

_____. **Estrangeiros em casa: (re)sentimentos, impressões e identificações produzidas pelos emigrantes brasileiros clandestinos nos Estados Unidos 1995-2005**. Relatório Final de pesquisa. Faed/Udesc, 2008.

CANCLINI, Nestor Garcia. **A Globalização Imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

CPMI. Relatório Final da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito da Emigração. site: www.senado.gov.br/web/comissoes/CPI/Emigracao/relFinalCPMIEmigracao.pdf Acesso em: 18 abr. 2007.

FUSCO, Wilson. **Redes sociais na migração internacional: o caso de Governador Valadares**. Campinas, Núcleo de Estudos de População/UNICAMP, 2001. 85p.

GUIBERNAU, Montserrat; REX, John (orgs.) **The Ethnicity reader: nationalism, multiculturalism and migration**. Maldon (USA): Polity, 2005.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução de Adelaine La Guardia Resende et. al. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HIRSCHMAN, Charles; KASINITZ, Philip; WIND, Josh de. **The handbook of international migration: the american experience**. New York: Russell Sage Foundation, 1999. 502 p.

HONDAGNEU-SOTELO, Pierre. **Gendered transitions: Mexican experiences of immigration**. Berkeley and Los Angeles, London. University of California Press, 1994.

IBGE. Estimativa populacional para 2005. site: www.ibge.gov.br. Acesso em: 18 abr. 2007.

MASSEY, Douglas et al. The social organization of migration. In: **Return to Aztlan: the social process of international migration from Western Mexico**. Berkeley: University of California Press, 1987. p. 139-171.

PORTES, Alejandro. (ed) The economic sociology of immigration: a conceptual overview. In: Portes, Alejandro (ed). **The economic sociology of immigration**. New York: Russel Sage Foundation, 1995. p. 1-41

SALES, Teresa, FUSCO, Wilson, ASSIS, Gláucia e SASAKI, Elisa. **As redes sociais nas migrações internacionais: os migrantes brasileiros para os Estados Unidos e o Japão..** São Paulo: Relatório de Pesquisa Fapesp, 2002.

SALES, Teresa. **Brasileiros longe de casa**. São Paulo: Ed. Cortez, 1999.

SANTOS, Maurício Aurélio dos. **Crescimento e Crise na Região Sul de Santa Catarina**. Florianópolis: UDESC, 1997.

SANTOS, Laymert Garcia. Consumindo o futuro. **Folha de São Paulo**. Caderno Mais. 27/02/2000, p. 4-8.

SAVOLDI, Adiles. **O caminho inverso: a trajetória dos descendentes de imigrantes italianos em busca da dupla cidadania**. 1998. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – UFSC, Florianópolis.

SIQUEIRA, Sueli. **Migrantes e empreendedorismo na Microrregião de Governador Valadares: sonhos e frustrações no retorno**. 2006. Tese (Doutorado em Sociologia e Política) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

TEIXEIRA, José P. **Os donos da cidade**. Florianópolis: Editora Insular, 1996.

VOLPATO, Terezinha Gasho. **Os trabalhadores do carvão: a vida e as lutas dos mineiros de Criciúma**. 1989. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade de São Paulo, São Paulo.